

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-09-03

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Cordeiro, G. Í. (2007). Entre a rua e a paisagem. Reflexões em torno da urbanidade de Lisboa. *Ler História*. 52, 57-72

Further information on publisher's website:

[10.4000/lerhistoria.2520](https://doi.org/10.4000/lerhistoria.2520)

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Cordeiro, G. Í. (2007). Entre a rua e a paisagem. Reflexões em torno da urbanidade de Lisboa. *Ler História*. 52, 57-72, which has been published in final form at <https://dx.doi.org/10.4000/lerhistoria.2520>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Sumário

DOSSIER: DESCREVER A CIDADE

■ APRESENTAÇÃO <i>Frédéric Vidal</i>	5
■ RUAS E SÍTIOS NA LISBOA OITOCENTISTA. USOS E CLASSIFICAÇÕES EM QUATRO ROTEIROS DA CIDADE <i>Frédéric Vidal</i>	9
■ CINEMAS DE ESTREIA E CINEMAS DE BAIRRO EM LISBOA (1924-1932) <i>Tiago Baptista</i>	29
■ ENTRE A RUA E A PAISAGEM. REFLEXÕES EM TORNO DA URBANIDADE DE LISBOA <i>Graça Índias Cordeiro</i>	57
■ OS DORMITÓRIOS DE LISBOA: DISCURSOS TÉCNICOS E IMAGENS NA IMPRENSA (1959-1974) <i>João Pedro Silva Nunes</i>	73

ESTUDOS

■ UMA VACA URBANA E COSMOPOLITA <i>Maria Carlos Radich</i>	95
■ CINEMA E HISTÓRIA – AS FUNÇÕES DO CINEMA COMO AGENTE, FONTE E REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA <i>José D'Assunção Barros</i>	127

ESPELHO DE CLIO

■ HOMENAGEM A ANTÓNIO HENRIQUE DE OLIVEIRA MARQUES	161
■ PROFESSOR E HISTORIADOR <i>Benedicta Duque Vieira</i>	163

■ PERSPECTIVA DE UM MEDIEVALISTA <i>José Mattoso</i>	167
■ HISTORIADOR DA REPÚBLICA <i>António Reis</i>	177
■ MEMÓRIA DE UM ADOLESCENTE DOS ANOS 70 <i>Bernardo Vasconcelos e Sousa</i>	181

DOCUMENTOS EM ESTUDO

■ DOTAR, PARTILHAR E LEGAR: O PATRIMÓNIO DA CASA PALMELA <i>Pedro Urbano</i>	187
---	-----

CRÍTICAS E DEBATES

■ DISCRIMINAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA: MUNDOS SEPARADOS, DESÍGNIOS COMUNS <i>Carlos Maurício</i>	213
--	-----

RECENSÕES	221
------------------	-----

ACTUALIDADE CIENTÍFICA	233
-------------------------------	-----

RESUMOS/RÉSUMÉS/ABSTRACTS	237
----------------------------------	-----

LISTA DE COLABORADORES	243
-------------------------------	-----

Dossier: *Descrever a cidade*

Entre a rua e a paisagem

Reflexões em torno da urbanidade de Lisboa

Graça Índias Cordeiro

Introdução

Explorar o modo como as descrições de uma cidade contribuem para a definição da sua urbanidade particular, social e culturalmente partilhada, é o tema deste artigo¹. Por descrição da cidade entende-se toda e qualquer actividade discursiva que, através de um conjunto de procedimentos de categorização/nomeação e de articulação/estruturação, consegue tornar inteligível uma cidade, tanto na sua forma mais totalizadora como mais parcelar (Mondada, 2000: 27). Olhar como uma cidade particular se constrói discursivamente, sob um certo ponto de vista num determinado momento histórico, através de um conjunto de estratégias textuais descritivas e de modelos explicativos que lhe dão ordem e produzem sentidos partilhados é o que me proponho analisar nas linhas que se seguem. O caso escolhido é Lisboa.

Como todas as cidades, Lisboa tem sido objecto de uma profusão de descrições ao longo do tempo. Mas talvez como poucas cidades no mundo, Lisboa suscitou a produção de um *corpus* bibliográfico sobre si própria, auto identificado como olisipografia, que desde o século XIX se dedicou a estudar e aprofundar o seu conhecimento, acompanhado por um processo de enaltecimento e valorização da sua especificidade particular.

■ GRAÇA ÍNDIAS CORDEIRO – CIES e Departamento de Antropologia – ISCTE.

¹ Agradeço a Frédéric Vidal o convite para integrar o painel por ele organizado no XXVI Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social, que teve lugar em Ponta Delgada (S. Miguel, Açores) entre 17 e 18 Novembro de 2006. Tanto ele como João Pedro Silva Nunes têm sido imprescindíveis interlocutores destas reflexões partilhadas em torno do «facto urbano», pelo que lhes estou imensamente reconhecida.

A forma como a cidade e o seu povo têm sido olhados e descritos por estes olisipógrafos tem contribuído, sem dúvida, para a criação e sedimentação de todo um simbolismo e imaginário urbano que participam do modo como a cidade se faz, no seu quotidiano – tanto a nível da sua percepção e experiência sensível, das suas práticas de relacionamento social e comunicacional, como até ao nível, inclusivamente, de muitas decisões políticas, económicas, urbanísticas. Noutra lugar tive oportunidade de analisar profundamente uma destas obras – *Peregrinações em Lisboa* (1938-39) – de Norberto de Araújo (Cordeiro, 2006) e de como através de um conjunto de processos complexos se fixou uma imagem de Lisboa como «popular, bairrista, pitoresca» ao longo dos anos 30 do século XX (Cordeiro, 2003).

Desta vez, a análise recai sobre uma outra fonte que, contrariamente às *Peregrinações...* onde é assumida uma relação de filiação directa com a erudição olisipográfica, não assume esta relação e, talvez por isso, o seu olhar surja com uma originalidade e autonomia que merecem alguma atenção. Nesta obra, o registo da observação ultrapassa o das referências bibliográficas, e as incursões na história (e nas histórias) de Lisboa são pontuais e pouco relevantes. A descrição efectuada situa-se, pois, muito próximo daquilo que na antropologia se designa como «presente etnográfico», e muito embora muitas das imagens produzidas não se afastem muito de certos modelos descritivos recorrentes na apreciação desta cidade, o texto em causa apresenta a cidade de uma forma sintética e clara, com uma grande economia de meios discursivos.

Trata-se de um pequenino livro de apenas 113 páginas, com o sugestivo título: *Lisboa: da sua vida e da sua beleza*, da autoria do engenheiro José Sousa Gomes, cuja edição foi patrocinada pelo grupo Amigos de Lisboa, e editada pela Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade no ano de 1937. No frontispício da obra, pode ler-se, em grande destaque: «Descrição da cidade de Lisboa tal como a viu o autor no ano de 1937» o que, apesar de parecer uma alusão aos «imaginosos escritores dos séculos XVII e XVIII», não corresponde à visão deste autor que revela ser «um urbanista moderno», como é referido numa brevíssima nota de abertura assinada pelo grupo patrocinador da obra².

² Por este artigo se basear quase exclusivamente na análise desta obra, optou-se por apenas indicar o número das páginas na referência das suas citações.

Da vida e da beleza de uma cidade

O livro organiza-se em cinco capítulos, que descrevem a cidade sob vários pontos de vista, a que correspondem diversas escalas, desde uma visão de conjunto, panorâmica – onde se encontra a beleza da cidade – até uma visão extremamente pormenorizada sobre o interior mais escondido das suas pequeninas ruas – onde a vida da cidade se anicha. Esta flexibilidade do olhar é um dos traços mais interessantes da obra, oscilando entre o olhar distanciado que se consegue alcançar do alto de um miradouro ou do outro lado do estuário do Tejo, e o olhar próximo de quem se embrenha no seu lado mais escondido, em percursos pedestres através das suas ruas mais ou menos labirínticas.

Os primeiros quatro capítulos apresentam a cidade numa viagem que se inicia num dos pontos altos da cidade mais antiga (o monte de S. Gens, ou Miradouro da Senhora do Monte) a um outro ponto alto da cidade mais moderna (o alto da Penitenciária, perto do Parque Eduardo VII), e organizam-se tematicamente da seguinte maneira:

1. As colinas de Lisboa antiga;
2. As ruas e os bairros;
3. Vista parcial da cidade ocidental;
4. O Bairro Alto e a parte alta da cidade

O quinto capítulo – «Panoramas e reflexões» – muda de tom, e a apreciação crítica sobrepõe-se à descrição da realidade, com sugestões bastante concretas de todo um ordenamento urbanístico para o que o autor considera a zona mais nobre da cidade, desde o alto do actual Parque Eduardo VII – «moderna acrópole de Lisboa, de onde se avista o panorama que melhor sintetiza a sua beleza (...) o panorama mais bem colorido de Lisboa» (p. 103) – estendendo-se até à Baixa, através do vale da Avenida da Liberdade.

A beleza da cidade encontra-a o autor na visão panorâmica, mais distanciada, que a consegue abranger na sua totalidade, em miradouros ou afastando-se pelo rio: uma cidade olhada de longe, apreendida visualmente por inteiro, um corpo que se dá a conhecer com a paciência de um olhar atento e perscrutador:

Se desejardes conhecer intimamente uma cidade, subi ao cima das alturas que a dominam e daí estudaí a fisionomia que se vos apresenta, com suas rugas, sulcos profundos feitos entre casario pelas ruas e avenidas – suas protuberâncias – os

monumentos e colinas – seus sorrisos – os reflexos das águas do seu rio ou porto. Pouco a pouco o caos organiza-se, torna-se claro, fala-vos. Um quarto de hora de observação ter-vos-á sugerido mais ideias que vinte e cinco páginas de um livro (p. 9).

É assim que esta descrição de Lisboa se inicia, com uma citação de um jornalista francês não identificado, mas que abre para o deslumbramento que a beleza vista de longe desta cidade oferece ao olhar e ao entendimento. A perspectiva escolhida para as páginas iniciais é a do já referido miradouro da Senhora do Monte e despede-se, nas últimas páginas, com um olhar que progressivamente se vai afastando, de barco, pelo Tejo fora, numa recomposição dos pedaços de uma cidade que, entretanto, foi analisada minuciosamente no seu interior. As colinas e o Tejo são pontos de vista privilegiados para reflexões inspiradas neste olhar panorâmico onde a luz, a cor do céu e, sobretudo, o enquadramento topográfico, dão uma determinada configuração de conjunto a esta cidade. É esta «beleza natural» que, na sua opinião, não pode ficar esquecida e o leva, no último capítulo, a tecer considerações muito críticas sobre o crescimento da cidade.

Mas, para além da beleza, a verdadeira vida da cidade, a sua pulsação é de perto que se pode sentir – e, para isso, tem de se viajar em direcção ao seu interior mais escondido, à sua parte mais antiga, aos seus velhos bairros: é nestes, como por exemplo a Mouraria, «que são o centro da vida popular de Lisboa» que é possível conhecer a cidade (p. 13), esta cidade que, como todas, se divide em dois mundos que se dão a ver melhor em justaposição e contacto no seu centro:

A população das cidades divide-se em dois mundos que, vivendo sempre em contacto, afinal se ignoram mutuamente e fazem vida à parte um do outro. Um faz a vida que se mostra, que todos vêem, da qual em Lisboa, por exemplo, todos sentem o contacto no Chiado, na rua do Ouro, nos teatros da Avenida; outro é o mundo dos que trabalham para alimentar o luxo daquele e se sustenta também, por vezes, dos seus vícios: leva a vida na cidade ignorada, na cidade obscura, esconde-se em becos e ruelas que vale a pena conhecer. Os locais onde melhor surpreendemos a vida destes dois mundos justapõem-se, atraem-se mutuamente, tomam sempre contacto no coração da cidade (p. 13).

A cidade é, pois, simultaneamente, a beleza da sua paisagem feita de perspectivas panorâmicas, como também a vida real e oculta que anima o seu interior,

feito de pormenores que não passam despercebidos a quem caminha pelas suas ruas e adivinha a sua vida íntima e o seu pulsar mais ou menos invisível.

O lugar da rua

É pelas ruas que se percorre a cidade, é na rua que a cidade se conhece. As descrições da cidade são, antes do mais, descrições da sua população, na rua: quem nela habita, quem nela circula, o que lá se faz, o que se festeja, o que sobre ela se sonha, o que ela representa.

É vagueando pelo bairro que melhor apercebemos as diferenças dos mundos da cidade. Quem mete pela rua do Capelão e segue depois pelas ruas da Guia e da Amendoeira e dá a volta descendo a calçada dos Cavaleiros e da Mouraria, passando de novo à rua da Palma, tem a impressão que atravessa uma sucessão de mundos diferentes; reparando nas fisionomias, nos trajes dos que passam, vamos assistindo a uma parada denunciadora das diferenças de condições de vida, das desigualdades sociais de toda esta multidão que constitui a cidade...(p. 19)

A perspectiva do núcleo mais antigo da cidade é toda ela descrita a partir da rua. A vida da cidade surge deste ponto de vista: a vida de rua, com uma diversidade de movimentos, de sons, de cheiros, de actividades, de fachadas e janelas que sobre ela comunicam através de um labirinto interminável de ruas, becos, ruelas, calçadas, escadinhas – «emaranhado confuso de ruas e ruelas» – que tão bem caracterizam esta parte da cidade – com as suas lojinhas, tabernas e cafés populares... (p. 15). E, sobretudo, a rua é o lugar por onde circula a diversidade social urbana, essa variedade infinita de tipos sociais que fascinam qualquer transeunte mais atento:

...uns servem-se destas ruas como passagem obrigatória para o centro da cidade, outros encontram aqui neste dédalo de ruas a sua *Baixa*, um centro de vida urbana adequado às suas posses e necessidades (...). Passam de mistura as *midinnettes* lisboetas que dos bairros da Almirante Reis e Morais Soares se dirigem para os *ateliers* da Baixa; o operário honesto, de boné e fato de ganga dissimulado sob o casaco coçado; a *rodeuse* fadista, o chalé de malha ou o lenço de seda caindo em bico sobre as costas, saia curta mostrando o joelho e a perna roliça, e calçan-

do chinelo de liga; o moço de fretes com o seu molho de cordas; a regateira da Praça da Figueira; vendedores ambulantes; a fauna ambígua dos párias da vadiagem, alguns soldados, alguns marujos, uma população honesta ao lado de uma outra que vive alimentada pela miséria e vício das cidades (p. 15).

Também o modo como a cidade se vai espraiando tem a rua por orientadora (pp. 107-108). É no «enfiamto de ruas» pré-existentes que a cidade vai crescendo... (p. 47) A rua pode ser olhada em várias e diversas escalas e, sobretudo, é através da rua que a cidade se dá a compreender – é a rua que, de um modo mais completo e unificador, a torna inteligível³.

O crescimento das cidades é um dos fenómenos mais manifestos da sua vida e neste crescimento a rua desempenha um papel primacial. Pela rua cria a cidade a vida dos seus novos bairros, tecidos novos com que a sua ânsia criadora vai cobrindo vales e colinas onde outrora mal se imaginava que a cidade chegasse um dia; pela rua isola muitas vezes os seus bairros velhos, tecidos mortos, alguns a corroê-las como cancos, envolvendo-os por anéis de arruamentos, artérias obrigatórias de circulação, que encobrem a quem ali passa todos os dias a vida estranha de miséria e vício que, em regra, a sua população – o *bas-fond* das cidades – leva nesses bairros escondidos (p. 12).

Umaz vezes, a cidade vai progredindo através de alinhamentos de ruas antigas num determinado sentido, outras vezes é através de vales preexistentes ou «servindo-se dos degraus das colinas que em anfiteatro acompanham o Tejo» (p. 47). A evolução da rua ao longo do tempo, nesta permanente adaptação duplamente condicionada pela época e pelos acidentes topográficos, provoca uma diversidade de traçados e paisagens urbanas surpreendente: circularmente, em anéis concêntricos, à volta de um núcleo central, o Castelo; transversalmente, no que respeita às ligações entre estes anéis, em forma de pitorescos degraus; irregularmente, através de redes emaranhadas em Alfama e S. Vicente; racionalmente, no xadrez de ruas em esquadria, do Chiado à Estrela... (p. 79).

³ O reconhecimento da rua como elemento fundamental de toda e qualquer cidade – mais do que a habitação –, olhado enquanto espaço de circulação e orientador do crescimento urbano, testemunha, em certa medida, o ponto de vista de um grupo profissional com um conhecimento concreto do espaço urbano – os engenheiros – que tiveram um papel crucial no urbanismo de Lisboa desde finais do século XVIII (cf. Maria Helena Lisboa, 2002: 205-206).

Os contrastes decorrentes da sua evolução são assinaláveis. Enquanto a Lisboa Velha, sítio da cidade, mantém um «traçado secular (...) um emaranhado irregular de arruamentos dos bairros das vertentes das colinas do Castelo e de S. Vicente (...) em parte ocupada outrora por uma cidade antiga, por uma urbe desenvolvida, timidamente, dentro de um apertado cinto de muralhas» (p. 32), já o caso do Bairro Alto, bem mais recente, se caracteriza pelas suas «ruas esquadriadas» (p. 90):

...enquadrado em arruamentos que obedecem a traçado geométrico, classificador, monótono. Ruas estreitas, ladeadas por casario alto, de fachadas esguias. As manifestações da vida passada e presente do bairro encontram-se de tal modo arrumadas nesta rede de arruamentos que nos lembra a distribuição metódica de uma colecção de documentos nas gavetas de um armário classificador (p. 90).

Mas as funções da rua não se restringem ao seu crescimento – ela desempenha ainda uma «influência psicológica», que condiciona os «hábitos e costumes das suas populações», criadora de «aspectos bairristas» (p. 48). Por vezes ela divide mundos, como é o caso da rua da Rosa, no Bairro Alto, ficando entre ela e a Rua do Mundo (Rua de S. Roque) «o bairro das tabernas, dos lupanares, das casas de penhores»; e, entre ela e a Rua do Século, um «bairro recolhido, de bisbilhoteira e pacata vida bairrista» (pp. 92-93). Esclarece o autor:

Uma cidade é tanto mais interessante quanto maior é a riqueza impressionista das suas ruas, e Lisboa, pobre em relíquias arquitectónicas, vítima como foi de sucessivos terramotos tem, em compensação, devido às condições topográficas que condicionaram a sua germinação, encantos que interessam e a fazem destacar entre as mais lindas cidades do Mundo (p. 49).

A rua surge, pois, como um instrumento de conhecimento da cidade – da sua história, das suas vivências, do seu pulsar – com efeitos para o passado, presente e futuro. O lugar mais pormenorizadamente descrito é a rua, de perto e de longe, em várias escalas e com várias perspectivas e intencionalidades. A rua, unidade que identifica bairros, sítios, vizinhanças, é, afinal, o *topos* estruturante da própria cidade. É na rua que a escala humana da cidade surge na sua forma mais pujante, mais esclarecedora, mais rica, com toda a diversidade e contraste urbano próprio que, em Lisboa, assume formas e contornos particulares.

E é, também, a propósito dos novos traçados de ruas, avenidas e artérias, orientadores dos novos conjuntos urbanísticos que o receio de uma mudança que descaracterize a identidade da cidade – a sua urbanidade – se faz sentir. Pois a rua também parece ser um instrumento de preservação da identidade particular desta cidade:

...cuidado com essas transformações, que não se risquem abstractamente ruas e conjuntos urbanos sem se atender à cor e condições do local. Porque não reproduzir nas íngremes encostas de Alcântara os conjuntos tão interessantes de Alfama e do bairro do Castelo, que tão bem se adaptavam à topografia do local? Para esses novos bairros (...) poder-se-ia trazer o pitoresco e colorido dos bairros da Lisboa Velha... (p. 107).

A cidade, entre o pitoresco e o urbano

Um dos interesses desta pequena obra reside no modo como o conhecimento da cidade de Lisboa se organiza. Diria que se trata de um texto muito bom, não apenas para nos ajudar a pensar a cidade em si mesma, entidade sempre demasiado complexa e fugidia, mas, sobretudo, para perceber o modo como o seu conhecimento se constrói discursivamente em torno de uma tensão permanente entre perspectivas contrastantes e, de certa forma, complementares. Gostaria de isolar três tipos de dualidades que me parecem constituir eixos estruturantes desta descrição e que, de certa forma, a organizam e lhe dão sentido.

Em primeiro lugar, e respeitando o próprio título da obra – da vida e beleza de Lisboa – encontramos dois tipos de focalização a que correspondem dois tipos de visualização, uma mais restrita e outra mais abrangente. Um olhar sobre o pormenor da rua, dos tipos de pessoas, dos ambientes, das actividades económicas, das sociabilidades, quase se poderia dizer – pormenor etnográfico – e é aqui que se encontra a vida urbana que a caracteriza; e uma visão mais ampla, alargada, da sua paisagem, um olhar de longe, em que a cidade no seu todo surge, metaforicamente olhada como um corpo, ou até como uma mulher – e é aqui que reside a sua beleza....

Em segundo lugar, a permanente e implícita comparação entre um tempo passado, que se não quer ver desaparecer, pela identificação quase obsessiva dos vários testemunhos e realidades da memória que definem a própria identidade lis-

boeta, associada à parte mais antiga da cidade, e um presente que se impõe na nova cidade que se vai expandindo para a periferia, com sinais de modernidade e, sobretudo, de risco de «descaracterização», de banalização das formas urbanísticas – e, por conseguinte, das vivências urbanas – pela adopção de modelos estranhos e muitas vezes à revelia da sua topografia... E é a cidade antiga, descrita com todos os seus elementos «tradicionais e populares» que estabelecem uma ligação a um tempo passado, que é claramente valorizada.

Mas ainda é possível encontrar um terceiro eixo organizador do sentido da descrição de Lisboa que é o que revela a adequação existente entre o ambiente natural e a cidade. A sua topografia acidentada, com as ruas seguindo linhas de crescimento ao longo dos vales e colinas, onde a numeração das casas toma como referência o rio Tejo, por onde se espraia o casario cuja ordem respeita a orientação e intensidade dos ventos, cuja cor se adequa às tonalidades de um clima ameno onde o céu azul e a luz intensa do sol produzem um conjunto de grande harmonia onde a ruptura cidade/natureza pouco se dá a ver.

Da tensão entre estas três ordens de factores – visão macro/micro; presente/passado; cidade/natureza – nasce e acaba por se impor uma categoria fundamental que, de certa forma, resolve esta tensão ao representar um tipo de cidade que, quase poderíamos caracterizar como sendo pouco urbana. Refiro-me ao «inconfundível pitoresco» (p. 21), que revela ser uma noção fundamental que percorre todo o texto, ajudando-nos à sua leitura.

Os temas, imagens e metáforas deste livro assemelham-se aos de outros textos da mesma época, quase que se poderia dizer que traduzem uma mesma paisagem urbana. Nesta paisagem, o «pitoresco» assume um papel central, recobrando uma dimensão da cidade de difícil interpretação, que fica para lá de outras metáforas mais comuns que fazem parte de qualquer imaginário urbano: cidade-corpo (circulação, braços, artérias, pulmão, rugas); cidade-mulher (namorada do Tejo), etc.

De difícil definição, pitoresco explica, até certo ponto, qualquer coisa de indefinido que pertence à urbanidade particular desta cidade, constituindo-se como um atributo fundamental da sua paisagem urbana (Cordeiro, 2006; 2003), que evoca de imediato certas pinturas que retratam pormenores da cidade⁴.

⁴ Por exemplo, nas *Peregrinações*, de Norberto de Araújo refere-se amiúde a estas paisagens de Lisboa evocando aquarelas e gravuras de Roque Gameiro (1993, lv. II: 73) fazendo com que, inclusivamente, a realidade surja como uma mimetização das suas obras «Certos pontos de Alfama parecem executados por cartões de artistas (...) Está por compilar um álbum de aquarelas e águas fortes deste bairro tão sugestivo» (*ob.cit.*: lv. X: 61).

(sobre Alfama) Há volume, há carácter nestas esquinas; a variedade de efeitos é infinita e não nos cansamos de admirar as notas de inconfundível pitoresco destes escondidos recantos de Lisboa Velha. Que longe estamos da monotonia insípida dos bairros modernos... Que artistas eram os construtores destas casitas simples, que souberam, com uma combinação de janelas, com a saliência de um pórtico, com o traçado gracioso de um telhado em bico, dar-lhes um encanto que não se encontra em mais nenhuma parte... (p. 29).

Este lado pictórico, colorido, irregular, da cidade, que se encontra nos seus recantos mais recolhidos, onde se surpreende uma vida de rua, popular e movimentada, pobre, é um dos seus traços característicos:

A rua da Mouraria sobressai entre todas as outras pelo pitoresco da visão que oferece a quem desemboca no largo da igreja da Saúde, pitoresco que resulta da irregularidade da rua, combinada com o colorido das casas, que se não têm a atracção do tom velho das de Alfama, são já de um tipo que se vai tornando antigo, e tem como nota dominante a abundância de sacadas de ferro (...) onde aparece o estendal de roupa lavada secando ao sol. Tem uma animação e característica quer durante o dia, nas lojinhas estreitas a anichar um comércio popular (...) quer durante a noite, com as suas tabernas e cafés populares (pp. 14-15).

Numa cidade cujos traços de identidade se organizam em torno de elementos que mantêm o «espírito do passado» (p. 22), o pitoresco surge também a valorizar esse lado antigo da cidade, que se perde nos tempos passados:

Para bem conhecermos a cidade, começemos por visitar estes bairros (Socorro e Sant'Ana), bem como os que cercam o Castelo, sítios que foram outrora o núcleo germinador e onde a cada canto nos surge a nota evocativa e pitoresca dos velhos tempos (p. 14).

E, de certa forma, esta noção também ajuda a conciliar a natureza com o artificial construído, como podemos ver neste excerto de uma conferência proferida por Gustavo dos Matos Sequeira, em 1935, nos Paços do Concelho:

Lisboa vive do seu pitoresco, dos seus panoramas, da sua cor e da sua luz, da sua forma e do seu movimento por subidas e descidas, dos seus becos que aca-

bam em belvederes, e dos seus bairros pobres, que se atropelam e se desmoronam para o Tejo num labirinto de planos. Estas são as suas feições; e nelas reside seu carácter e a sua personalidade (Sequeira, 1935: 6).

Noção esta que se aplica a uma visão mais distanciada, mas também mais próxima, ao presente e ao passado, e que, simultaneamente, parece fundir o urbano e o rural num único traço, colorindo as ruas e os recantos citadinos de um ar bucólico que, afinal, parece constituir o núcleo do seu encanto e identidade.

De certa forma, Lisboa continua, ainda hoje, a ser identificada por esta característica. Sem dúvida, estes idos anos de 930 foram um momento importante na história citadina que se confunde com a história nacional, em que este processo de definição de realidade tomou forma, de um modo muito claro, através de um conjunto de textos, manifestações, performances, etc. Ainda hoje, Lisboa é olhada como uma cidade cuja originalidade é difícil de classificar. É mais o seu lado íntimo e pequenino que é valorizado, e não o monumental ou grandioso; é a suavidade da sua natureza em continuidade com um campo circundante – do seu clima ameno, da brisa suave, «dos vales e colinas recamados de casario» (p. 11), torres de igreja e palácios, sob a luz do sol em céu azul – a doçura resignada das suas «gentes» e o controlo social; o seu centro antigo, feito de «ruas e ruelas emaranhadas numa massa densa de casario» (p. 11) como se a cidade velha continuasse a ganhar a essa outra mais moderna, feita de tráfego intenso, de anonimato e sucesso, de urbanizações modernas. Por entre as muitas imagens, metáforas, personificações de que Lisboa é objecto, tem claramente um valor a defender: o pitoresco.

Como nas fisionomias, em que o bater das pálpebras, o jeito da boca, o franzir da pele, marcam a vida e definem a expressão, assim numa cidade como a nossa, de feições tão acentuadas e de tez tão fresca e tão clara, o agitar da multidão afirma a sua vida interior e marca o seu tipo, a sua atracção, a sua simpatia. E Lisboa é uma cidade de uma simpatia comunicativa, de uma atracção de saborear, dum tipo *sui-generis* a conservar. É preciso que ela, através de todos os justos e necessários progressos, de todas as melhorias de comodidade e higiene, mantenha os particularismos do seu pitoresco e não os da sua monumentalidade, que vive da sua cor mais do que da sua imponência e que provém da sua orografia de imprevistos e quanta vez das suas próprias insuficiências e defeitos... (Sequeira, 1939:11-12).

Imagens de uma cidade em mudança

Com efeito, a década de trinta do século XX pode ser vista, retrospectivamente, como um marco na história recente de Lisboa, um momento em que a consciência da mudança de uma cidade se impõe, ao qual não é alheio o contexto político de lançamento das bases do Estado Novo que, desde logo, se reflecte na emergência de uma nova política urbana assumidamente intervencionista (Silva, 1994: 12, 13) Este processo urbanizador desencadeia uma reflexão que tenta conciliar valores aparentemente contraditórios, encaixando aquilo que melhor caracteriza o *ethos* lisboeta, representado pela velha cidade *tradicional* e *popular* em modelos de racionalização urbanística inspirados noutras cidades.

Este livro é um excelente exemplo deste esforço de conciliação. Nos dois últimos capítulos, em que o autor se debruça sobre o lado mais ocidental da cidade, analisando o seu crescimento através do planalto que a afasta das margens do rio, algumas das suas críticas e sugestões vão ao encontro do pequeno estudo sobre o Plano de Melhoramentos de Lisboa que o Grupo dos Amigos de Lisboa publicou no ano seguinte ao da publicação deste pequeno livro (GAL, 1938).

Afirmavam os autores deste estudo que três quartas partes da cidade não estavam ainda urbanizadas, sendo dramático o facto de a cidade não possuir ainda um «plano geral de melhoramentos» o que era patente nos muitos casos de desorganização urbanística e erros irreparáveis resultantes de improvisações ao acaso⁵. Sugeriam três bases orientadoras para o referido plano.

Em primeiro lugar, e após definirem a área de actuação, «ter-se em conta o carácter e as tradições citadinas que devem ser mantidas sem prejuízo da comodidade e das exigências da vida actual» (GAL, *ob. cit.*:11). Em segundo lugar, consideram um conjunto de elementos de urbanização, para os cinquenta anos seguintes, que se referem a traçados de ruas e outras artérias, melhorias de condições de trânsito, melhoramentos de bairros e núcleos populacionais, aproveitamento e alargamento de zonas já urbanizadas, arborização da serra de Monsanto, localização de certos serviços, edifícios e instalações, regulamentação sobre inclinação

⁵ Desde os projectos de reconstrução pombalina, no final do século XVIII, que Lisboa não teve planos urbanísticos de conjunto. No entanto, esta lacuna foi sentida e tentativas foram feitas, embora parcelares, de pensar e projectar a cidade, desde meados do século XIX. Estes textos antecedem em pouquíssimos anos o primeiro plano urbanístico de conjunto, liderado pelo Eng.º Duarte Pacheco, que em 1938, tomara posse, simultaneamente como presidente da Câmara de Lisboa e ministro das Obras Públicas. Ver Maria Helena Lisboa (2002), «Planos Gerais de Melhoramentos da Capital», pp.102 e segs.

de artérias principais, definição de zonas a industrializar e urbanizar, com especial relevo para «as encostas que se estendem a oeste da Ribeira de Alcântara, pelo Alto da Ajuda até Algés»» (*ob. cit.*: 12). Em terceiro lugar, estabelecem as regras de urbanização para os bairros ou zonas existentes, de protecção e valorização de património edificado, de saneamento e, «conservação da parte velha da cidade que tenha interesse sob os aspectos histórico, turístico ou panorâmico» (*ob. cit.*:11-15). Um parágrafo é acrescentado no que se refere às zonas a urbanizar de raiz:

§ único. Deverá ter-se em vista que as construções da nova zona de residências fiquem isoladas, aproveitando os socalcos que resultam dos declives do terreno e em termos de não impedirem aos seus moradores a vista livre do rio e bem assim de se obter um grandioso e pitoresco fundo dessa parte nova da cidade, para os observadores que a contemplarem do rio ou da zona marginal (pp. 12-13).

Esta é uma preocupação comum, bem expressa na reflexão que José Sousa Gomes desenvolve na sua obra em torno da vida e da beleza de Lisboa:

São duas as razões da beleza de Lisboa. Primeira – os panoramas oferecidos por suas colinas cobertas de casario apinhado caprichosamente. São uma maravilha de forma e colorido (...) Segunda – A beleza panorâmica do Tejo, espreado como um lago, mesmo em frente da cidade (...) Hoje apenas resta uma maneira de congregar aqueles dois motivos de beleza: subir aos altos das colinas para as ver e, ao mesmo tempo, ver o Tejo. Torna-se absolutamente necessário ligar os pontos altos das colinas por avenidas condignas da beleza cenográfica, única, de Lisboa. Em particular, e com toda a possibilidade, pode-se fazê-lo para os lados da Ajuda... (p. 85).

Os interesses «histórico, turístico e panorâmico» sobrepõem-se e, uma vez mais, é o «pitoresco» que melhor caracteriza esta paisagem. A integração do rio Tejo neste cenário surge como uma preocupação fundamental – precisamente no momento em que a cidade cresce em população e se desenvolve em sentido contrário ao rio, afastando-se deste para norte, para os planaltos do interior, onde irão nascer futuras urbanizações modernas. A topografia acidentada e o rio surgem como dois elementos fortes da identidade da cidade, elementos a não perder, a manter desesperadamente contra um devir que leva o futuro da cidade para zonas mais planas e cada vez mais longe da margem do Tejo.

Norberto de Araújo afirmava, em 1936, numa conferência proferida nos Paços do Conselho, publicada com o título «Lisboa tem um Sentimento», que Lisboa é feita de duas Lisboas, a que permanece e a que muda:

...a Lisboa imóvel, estática, eterna como Roma (...) e essa outra que nasce, se expande e enraíza no século XX. O sentimento da primeira tem de continuar na segunda, como um vínculo de família, e se não o fizermos (...) nós vendemos Lisboa ao inimigo, que faz a sua propaganda pelo livro e catálogo estrangeiro, sem respeito nenhum pela nossa razão de ser (Araújo, 1936: 6).

Há, sem dúvida, uma questão fundamental, um tema com múltiplas e infundáveis variações, com estilos de escrita e de apresentação diferentes: o que permanece de uma cidade para lá de tudo o que vai mudando? Como mantém ela a sua identidade própria – a sua urbanidade particular?

Nestas descrições fica patente uma determinada forma de olhar a cidade, como se estes intelectuais recusassem, de alguma maneira, que Lisboa se modernizasse. Este é um dado curioso: a cidade representada é a cidade que contraria os traços de modernidade mais ou menos emergentes. Nas palavras de Norberto de Araújo, «todo o interesse de Lisboa moderna está na sua mão estendida a um passado, criador e estimulador» (1993, lv. XI: 62). É a visão romantizada de uma cidade antiga que é valorizada, saudosa de um passado onde vai buscar as raízes da sua identidade – como se a nova cidade pusesse em risco esta identidade, tornando-a igual a todas as outras.

Lisboa é uma cidade encantadora... Única, própria...nossa. Defendamo-la da ocupação doentia de se fazer igual às outras, de se talhar, de se pintar, de se tocar por um padrão universalista, de imitar na forma, na cor e no movimento, Madrid, Paris, Berlim, Roma, Viena. (...) Façamos dela, antes, a casa que saiba abrigar-nos, de acordo com nós próprios e o espelho onde nos possamos ver sem defeito. É preciso que se mantenha a harmonia entre a urbe e o seu povo, e que a nossa paixão, de filhos ou de amantes, encontre nela a retribuição que não cansamos de lhe pedir, para que achemos sempre na sua fisionomia de amorosa, aqueles traços familiares onde se grava, como em lâmina de cobre, a sua admirável personalidade (Sequeira, 1939:12).

Finalizando

No seu livro *Sociology as an Art Form* (1976) Robert Nisbet identifica um conjunto limitado de temas e estilos científicos e artísticos que alimentaram a reflexão sociológica sobre a sociedade urbana e industrial ao longo dos séculos XIX e XX, mostrando como a compreensão da realidade utilizou, recorrentemente, os mesmos meios de representação: o retrato, a paisagem, a acção ou movimento. Para lá das várias representações apontadas, sob a forma de paisagens sociais – sociedade de massas, poder, fábricas satânicas, metrópole – ou de retratos – burguês, operário, burocrata, intelectual, *flaneur* –, o fascínio pela comunidade perdida poderia ser, talvez, um dos *leitmotiv* que melhor se adequariam à presente obra em análise.

Com efeito, tanto ao nível dos elementos visuais seleccionados para a composição desta descrição da cidade de Lisboa, como ao nível da retórica discursiva utilizada, há uma valorização clara da história (e memória) de Lisboa, através da sinalização pontual de vestígios de um mundo em risco de desaparecimento. As colinas e o rio Tejo surgem como dois elementos estruturantes desta descrição, cruciais na definição da identidade da cidade, em contraposição com uma nova Lisboa mais plana e mais afastada do rio que, entretanto, vai nascendo.

O receio da descaracterização da paisagem urbana lisboeta é bem evidente nesta descrição, assim como noutras contemporâneas. Álvaro Domingues caracteriza muito bem este processo de descaracterização da paisagem (no caso, rural) assinalando o «sentimento de perda e de ameaça» perante a velocidade das transformações sociais que alteram os dados em processamento e o hiato que separa a velha paisagem reconhecida e a nova ainda não conhecida:

Ocorre aqui a velha metáfora da paisagem como palimpsesto, o texto que desaparece deixando as marcas possíveis e o outro texto que ainda não está construído, que ainda não é decifrado como algo coerente. O pergaminho permanece, apesar de tudo (Domingues, 2001: 5).

Neste caso, é o próprio equilíbrio entre a rua e a paisagem, baseado nessa relação particular entre um dado natural, ambiental – a topografia acidentada – e um dado histórico-cultural – a evolução da cidade ao longo do tempo – que é posta em causa, arriscando a própria identidade lisboeta. A mensagem é clara: a cidade precisa de tempo para se orientar no seu crescimento, e o seu ordenamento urba-

nístico deve-se inspirar o mais possível no passado, evitando inovações inspiradas em experiências «estrangeiras», com riscos de «perca de identidade».

Não deixa de ser curioso que o autor, engenheiro de profissão, nos traga esta descrição da cidade cuja «beleza» e seus pergaminhos são valorizados a par de sugestões concretas sobre formas de a urbanizar. Toda a descrição se estrutura em torno de elementos identificados na Lisboa Antiga, sendo as suas reflexões e propostas para novas urbanizações pensadas em continuidade com tais elementos – silenciando as reais transformações e metamorfoses que, já na época, a cidade ia sofrendo. A «beleza e a vida» de Lisboa pertencem, claramente, a esta Lisboa descrita – e não a essa outra, nova, moderna, que surgia. Talvez por dificuldades em observar e descrever a mudança, em identificar novos elementos estruturantes ou, talvez, por uma recusa ideológica em aceitar que os caminhos da modernidade atingissem Lisboa, pondo assim em risco a sua urbanidade peculiar...

Bibliografia

- Araújo, Norberto (1936), «Lisboa tem um sentimento», in *Problemas de Urbanização*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Araújo, Norberto (1993 [1938-39]), *Peregrinações em Lisboa*, 2.^a Edição, 15 volumes, Lisboa, Vega.
- Cordeiro, Graça Índias (2003), «Uma certa ideia de cidade: popular, baírrista e pitoresca», *Sociologia*, 13, Porto, pp. 185-199.
- Cordeiro, Graça Índias (2006), «A propósito das ‘Peregrinações em Lisboa’, relatos de uma cidade, passo a passo», in Gilda Santos e Gilberto Velho (org.) *Artifícios e Artefactos. Entre o literário e o antropológico*, Rio de Janeiro, 7 letras, pp.143-159.
- Domingues, Álvaro (2001), «A paisagem revisitada», *Finisterra*, 72, pp. 55-66.
- Gomes, José Sousa (1937), *Lisboa. Da sua vida e da sua beleza*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade e Grupo dos Amigos de Lisboa.
- Grupo dos Amigos de Lisboa (1938), *A urbanização de Lisboa*, Lisboa.
- Lisboa, Maria Helena (2002), *Os engenheiros em Lisboa. Urbanismo e arquitectura (1850-1930)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Mondada, Lorenza (2000), *Décrire la ville. La construction des savoirs urbains dans l'interaction et dans le texte*, Paris, Anthropos.
- Nisbet, Robert (1979 [1976]), *La sociologia como forma de arte*, Madrid, Espasa-Calpe.
- Sequeira, Gustavo Matos (1939), *A fisionomia de Lisboa*, Lisboa.
- Silva, Carlos Nunes (1994), *Política urbana em Lisboa, 1926-1974*, Lisboa, Livros Horizonte.